

Enquanto o profeta é visceralmente não-conformista, o sacerdote é visto como personagem estruturalmente conservador.

Concluindo seu pequeno livro, aponta o A. na Conclusão, os critérios de vitalidade de uma religião: 1) a busca de intimidade com a divindade; 2) o lugar ocupado pela divindade na vida cotidiana; 3) a preocupação de respeitar a ética individual e coletiva proveniente das crenças afirmadas, e 4) a preocupação de conquista. Tais elementos indicam a maior ou menor vitalidade das religiões, que nascem, evoluem e algumas morrem.

Embora introdutório, o livro do Prof. Lagenest deve figurar ao lado dos trabalhos sobre religião no Brasil. Já temos no país excelentes pesquisas sobre religião. Ao lado do ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião — RJ) e do CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos — FFLCH — USP) destacam-se os nomes dos profs. Maria Isaura P. de Queiroz, Cândido P. Camargo, P. Demo, A. Crippa, E. Hoornaert, Douglas T. Monteiro, M. Cecília França. Possam outros pesquisadores nacionais imitar a seriedade destes professores, e trazer ao Brasil o vigor científico de um M. Eliade, R. Bastide, G. le Bras, H. Desroche, Dumézil, Lévy-Bruhl, entre outros clássicos do estudo das religiões. — **Januário Francisco Megale.**

CACCESE, Neusa Pinsard — Festa. Contribuição para o estudo do Modernismo. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros (USP), 1971. 242 p. (Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros, 18).

Integrando um plano global elaborado pelo Prof. José Aderaldo Castello e publicado como introdução à pesquisa de Roseliá Oliveira de Nápoli — **Lanterna Verde e o Modernismo** sobre "A pesquisa de periódicos na literatura brasileira", o trabalho de Neusa Pinsard Caccese analisa o periódico modernista **Festa** e o grupo formado à sua volta. A partir deste ponto de referência, oferece subsídios para o estudo do movimento renovador desencadeado nos anos 20 no Rio de Janeiro, confrontando com o de São Paulo, até a metade da década de 30.

A revista **Festa** circulou no Rio de Janeiro em duas fases distintas: a 1.^a, de 1.^o de outubro de 1927 a 15 de setembro de 1928, durou doze números; a 2.^a fase, com nove números, durou de julho de 1934 a agosto de 1935. Inicialmente contava com um grupo de "proprietários", expressão depois substituída por "diretores", que constituíam seus principais colaboradores, a que se juntaram outros nomes de importância. Na 2.^a fase, porém, apenas Andrade Murici e Tasso da Silveira figuraram como diretores.

Seguindo os passos do plano mencionado e valendo-se de uma linguagem clara e fluente, não só foi levantada toda a colaboração contida na revista, como organizada em quatro partes a sua matéria. As duas fases foram consideradas separadamente, porque existe entre elas uma "diferença substancial", que a própria apresentação gráfica exemplifica concretamente. Ainda, na 2.^a fase, há dispersão dos elementos colaboradores e talvez não se acreditasse numa ação de grupo, passada a fase de combate do Modernismo.

De início, foi realizada a apresentação material do periódico, evidenciadas suas características externas, peculiaridades e inovação gráfica, enfim todos os elementos que o particularizam. A relação dos colaboradores, pondo em destaque a figura do mecenas Moisés Marcondes, e a discussão sobre a existência de um grupo em redor da revista completam esta primeira parte. Na conceituação sobre o grupo, além da identidade ideológica, é apontada a posição de combate de **Festa**, sua atitude polê-

mica em relação aos outros grupos modernistas, sua reivindicação de uma prioridade na renovação da arte brasileira.

A segunda parte, sob o título "Idéias e atitudes", revela-se de uma importância fundamental, não só porque esclarece os propósitos que agitam os colaboradores, como sistematiza a parte ensaística de acordo com os assuntos tratados. Expõe o ideário e as atitudes críticas do grupo que, ao lado da discussão sobre os manifestos que propõem o objetivo principal de *Festa*, confirmam que suas posições são marcadas por uma unidade de pensamento indiscutível. Os problemas contemporâneos, como o desequilíbrio, a crise e a desumanização do mundo moderno, e a posição do homem nesse contexto, constituíam a preocupação dos colaboradores que, nos ensaios sobre filosofia, religião, política e arte, propunham soluções essencialmente espiritualistas para estas indagações fundamentais. Também os ensaios sobre arquitetura, artes plásticas, música, literatura, o próprio noticiário, compreendendo notícias, notas e resenhas, indicam a tônica que norteou os colaboradores da revista. Mesmo as criações em prosa e em verso revela uma coerência que caracteriza o grupo. Representando o "espírito novo do Brasil" e partindo de uma compreensão nova do mundo e do país, pretendiam a "restauração do sentimento da beleza", através de uma visão "totalista" do universo.

Em "Considerações finais", o terceiro capítulo, estão as conclusões a que a pesquisa metódica conduziu. É avallada a importância do grupo, bem como sua contribuição para o movimento renovador brasileiro. Entre outros méritos incontestáveis, está o de ter sido veículo de esclarecimento do leitor sobre acontecimentos do mundo artístico, além de ter proposto uma "revisão de problemas filosóficos" (p. 102) e uma "reformulação de idéias e atitudes em todas as áreas do conhecimento humano" (pp. 102-103), revelando marcada tendência espiritualista. No caso particular do Brasil, para uma revisão de valores, o grupo indica uma "unidade nacional" ampliada numa "unidade latino-americana". Ainda preocupada com assuntos artísticos, principalmente literários, *Festa* não propôs uma renovação de sentido destruidor, mas "continuador de uma tradição enaltecida" (p. 105).

A última parte desta pesquisa consta de apêndice: 1) um índice geral em que se classificam todos os assuntos e autores de *Festa*; 2) um índice remissivo dos colaboradores da revista; 3) uma antologia poética, com 37 poemas de autores nacionais, obedecendo a critério seletivo de acordo com o levantamento de temas; 4) e duas entrevistas com remanescentes do grupo, enriquecendo assim a apresentação do material da revista: uma com o crítico Andrade Murici, outra com o poeta Murilo Araújo.

O periódico *Festa* desempenhou, sem dúvida, importante papel no processo de renovação da arte brasileira. O grupo que o formava não escondia a consciência do próprio valor. Tasso da Silveira, em 1932, reuniu artigos publicados em *Festa* e lhes deu o título de *Definição do Modernismo Brasileiro*, dedicando-o aos seus "companheiros de *Festa*". Embora cada um dos oito capítulos deste livro se refira a um tema definido, verifica-se que uma linha interpretativa mestra norteia os comentários e a crítica: a afirmação categórica de que a tendência de *Festa* constituiria o único modernismo verdadeiramente expressivo do espírito brasileiro. O grupo reivindicava para si a prioridade no movimento de renovação artística brasileira.

Deste modo, o trabalho de Neusa Pinsard Caccese, monografia de Mestrado, apresentada à cadeira de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo, merece louvor pela seriedade da pesquisa, pela clareza da exposição, pela objetividade da sistematização da matéria, pela acuidade crítica com que procurou avaliar as realizações deste importante grupo do Modernismo Brasileiro. Torna-se, portanto, ao lado de outros estudos de revistas, um material de consulta obrigatória para aqueles que

se dispuserem a uma revisão histórica e literária deste periódico da Literatura Brasileira. — Eneida Maria Chaves.

DEAN, Warren — Rio Claro. *A Brazilian Plantation System, 1820-1920*. Stanford, Stanford University Press, 1976.

O autor, nessa obra, estuda o sistema de trabalho utilizado na lavoura, na zona de Rio Claro, nos anos de 1820 a 1920.

No decorrer dos seis capítulos que compõem o trabalho, analisa o processo de posse da terra na região, além de expor sobre o cultivo da cana-de-açúcar e os engenhos existentes na área de Campinas, Itu, Piracicaba e Rio Claro.

Quanto ao café, sua exposição vai desde que o produto foi introduzido no Brasil, até às plantações que se foram estendendo pela região de Rio Claro. Aponta como fator de encorajamento aos fazendeiros para o abandono do cultivo da cana-de-açúcar e a preferência pelo plantio da rubiácea, o estabelecimento de exportadores estrangeiros, nos principais portos de importação e exportação de mercadorias do país, ou seja, Rio de Janeiro e Santos, o que vinha facilitar o despacho do café, por parte dos interessados.

Evidentemente que tratando o autor do sistema de plantação na zona de Rio Claro, no período de 1820-1920, não podia deixar de estudar a mão-de-obra empregada nas fazendas, como o fez, discorrendo tanto sobre o trabalho escravo, como sobre o livre, este posto em prática quando passou-se a optar pelo imigrante, em vista da abolição da escravidão que se fazia iminente.

Ao tratar do escravo, aborda, entre outros itens, a proibição do tráfico ocorrida em 1850 e o conseqüente aumento do comércio interno de escravos, assim como a elevação dos preços dos mesmos. Além disso, refere-se ao tratamento dado aos escravos chamando a atenção para aqueles que ocupavam posições especiais, em serviços não agrícolas.

Discorre, ainda, sobre as fugas de escravos, as cartas de liberdade expedidas para escravos reconhecidamente "leais e obedientes" e a relação entre negros e brancos.

Quanto ao trabalhador livre, detem-se o autor inicialmente, sobretudo nas duas tentativas feitas por Vergueiro, com o imigrante em regime de parceria: a primeira na fazenda de Ibicaba e a segunda na fazenda Angélica.

Expõe sobre a grande emigração que se deu dos Estados Alemães e da Suíça, entre os anos de 1840 e 1860, principalmente para os Estados Unidos, sendo menor a porcentagem que se dirigiu para o Brasil e a Austrália, em virtude da dificuldade de pagamento da passagem.

No capítulo 5, ao tratar do fim da escravidão no Brasil, mostra a preocupação crescente que se vinha notando entre os fazendeiros de Rio Claro, quando da assinatura da Lei do Ventre Livre. E, também, em conseqüência de revoltas de escravos contra feitores, afora as fugas que começaram a se tornar cada vez mais freqüentes.

Finalmente, faz um estudo do regime de trabalho assalariado, na zona em foco. Destaca-se nessa parte, a apresentação da produção de café e dos salários do trabalhador livre, bem como o número de imigrantes que se dirigiram para Rio Claro, até 1921.